

A CONSTITUIÇÃO DA CENA ENUNCIATIVA NA CRÔNICA “SUPREMO TRIBUNAL CULTURAL”

Adriana Diunisio Trindade Rodrigues¹

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira²

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise da cena enunciativa da crônica do jornalista brasileiro José Roberto Guzz, ao abordar a palavra “cultura”. Essa crônica, intitulada “Supremo Tribunal Cultural”, foi publicada nos primeiros meses do ano de 2015, na revista Veja. Essa revista circula entre diversos grupos sociais, mas tem maior êxito nas classes sociais mais abastadas, na “elite” brasileira. Assim, a revista “pode” reproduzir um sentido único do que é Cultura no país. É preciso considerar que a Veja é uma revista de grande circulação, possuindo bons números de tiragem, o que demonstra ser bem aceita na sociedade.

Palavras-chave: enunciação, designação, significação, cultura.

¹ Aluna do curso de graduação em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

² Professora na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; Dra. em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.

Introdução

Ao analisarmos a cena enunciativa no texto “Supremo Tribunal da Cultura” buscamos a compreensão da posição social do *Locutor* (GUIMARÃES, 2002) ao enunciar a respeito da noção de cultura no Brasil. E considerar também, quem é o Alocutário a quem se dirige esse Locutor. Nessas relações é preciso considerar que, ao enunciar, o Locutor se divide, pois fala de um lugar social, o de locutor-x (l-x) e, assim, institui o lugar social do alocutário-x (al-x), a quem se dirige.

Nesse texto, a palavra “cultura” está *reescriturada* (GUIMARÃES, 2011) por diversas palavras, principalmente por “arte”, ao longo de todo o texto. Desse modo, é preciso considerar que, já há algum tempo, tem ocorrido uma discussão ampla, em redes sociais e mídia em geral, sobre o que é ou não “arte” para a sociedade brasileira. A série de críticas em relação às exposições de obras de arte, que estão ocorrendo em alguns museus e galerias no país, causou muitas polêmicas acerca da compreensão social do que se pode denominar arte ou não-arte na atualidade. A busca por uma definição do que pode ou não pode ser considerado arte ou cultura tem se tornado uma inquietação social. O que nos levou a buscar perceber como se posiciona o Locutor ao dizer da cultura, na revista *Veja*. A escolha dessa revista se deu pelo fato do alcance que ela apresenta e ainda por ser destinada a um público específico. Assim, para compreendermos a constituição da *cena enunciativa* é preciso analisar esse *acontecimento enunciativo* (GUIMARÃES, 2002), descrevendo o funcionamento de alguns enunciados na relação com as condições sócio-históricas de sua produção.

Apresentamos, então, essa análise pelo viés da Semântica do Acontecimento, que considera que o lugar do locutor, locutor-x, se constitui na relação com a história e a sociedade. Desse modo, analisamos como ao se referir à palavra Cultura no *acontecimento enunciativo*, em que ela está funcionando, o Locutor constitui-se e constitui o lugar do Alocutário. Conforme Guimarães (2005) esse estudo semântico considera que a análise da cena enunciativa deve considerar o estudo da enunciação, enquanto acontecimento do dizer.

A palavra cultura: algumas considerações

A partir do estudo etimológico de BOSI (2008), a palavra cultura surgiu há muitos séculos e sua origem é latina.

“A palavra cultura é latina e sua origem é do verbo colo”. Colo significa, na língua romana mais antiga, eu cultivo (...). A primeira acepção de colo estava ligada ao mundo agrário.

Inicialmente, a palavra cultura, (...) significava *aquilo que deve ser cultivado*. Era um modo verbal que tinha sempre alguma relação com o futuro (uro e ura são formas verbais que indicam projeto, indicam algo que vai acontecer).

Ainda de acordo com o autor (*ibidem*) “esse significado material da palavra durou até os romanos conquistarem a Grécia [...]; os gregos tinham já uma palavra para o desenvolvimento humano que era Paidéia.” Para os Gregos, cultura era denominada Paidéia e, esta, por sua vez, não carrega o sentido de algo particular de um grupo, e sim toda evolução do homem, o homem como totalidade; o homem como humano; o homem como ser pensante, capaz de

aprender e ensinar. Conforme Jaeger (2001) foi através da concepção gregoriana de homem como ser pensante, capaz de aprender e ensinar, que, ao longo do tempo, se chegou ao conceito de cultura dos dias atuais.

Hoje, estamos habituados a usar a palavra cultura não no sentido de um ideal próprio da humanidade herdeira da Grécia, mas antes numa aceção bem mais comum, que a estende a todos os povos da Terra, incluindo os primitivos. Entendemos assim por cultura a totalidade das manifestações e formas de vida que caracterizam um povo: A palavra converteu-se num simples conceito de valor, um ideal consciente. (JAEGER, 2001, p. 06).

Considerando a diferença da concepção da palavra cultura entre os Gregos e, nos dias atuais, segundo Jaeger, “o que hoje denominamos cultura não passa de um produto deteriorado, derradeira metamorfose do conceito grego originário” (2001, p. 14). Para os Gregos, a cultura não é um conjunto de conhecimentos e costumes de determinado grupo, o sentido da palavra vai além de fronteiras.

A sua descoberta de homem não é a do *eu* subjetivo, mas a consciência gradual das leis gerais que determina a essência humana [...] Este ideal de Homem, segundo o qual se devia formar o indivíduo não é um esquema vazio, independente do espaço e do tempo. É uma forma viva que se desenvolve no solo de um povo que persiste através das mudanças históricas... (JAEGER, 2001, p. 14.).

Na perspectiva de Eagleton, cultura é antônimo de natureza, assim como Bosi, que apresenta a palavra cultura com uma significação original de lavoura. “Um dos seus significados originários é lavoura [...] Nesse sentido, cultura significa uma atividade, e passar-se-ia muito tempo até designar uma

entidade” (EAGLETON, 2003, p.11). A palavra cultura tem como raiz latina a palavra *colere*, que em sua etimologia, pode significar cultivar, habitar, prestar culto, proteger. Essa palavra também deu origem através da expressão *cultus*, ao termo religioso culto no período da era moderna, quando “a ideia de cultura é substituída por um evanescente conceito de divindade e transcendência” (*Idem*, 2003, p. 12), havendo certa autoridade religiosa, ao mesmo tempo em que mantém afinidades com a ocupação e a invasão, dando origem a dois pontos base para a ideia de cultura que se tem atualmente. Esses pontos se dividem em positivo – a igreja, a direita política – e negativo – os colonos, a esquerda política – e transitam pela história em torno de questões como resistência, liberdade e identidade. Eagleton (2003, p. 13) diz que “Se cultura significa a procura “activa” de crescimento natural, a palavra sugere, aquilo que fazemos ao mundo e aquilo que o mundo nos faz”.

Da sua etimologia à sua designação, nos dias atuais, a palavra cultura apresenta semanticamente, juntamente com a humanidade, uma transição de rural para urbana. À medida que a sociedade vai se transformando, a designação da palavra cultura vai ganhando novas nuances,

A ideia de cultura significa, então uma dupla recusa: do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, pelo outro. Trata-se de uma recusa simultânea do naturalismo e do idealismo [...]. Os seres humanos não são meros produtos dos meios envolventes, mas estes também não são totalmente moldáveis pela arbitrária automodelação dos primeiros. EAGLETON (2003, p.15).

O sentido da palavra cultura afasta-se da designação de lavoura e assume o sentido de tradição. Assim, “cultura enquanto forma de vida é uma versão estetizada da sociedade” Eagleton (2003, p.39). Conforme o autor, cultura adquiriu um caráter de processo humano, de julgamento prático,

incluindo atividades morais e intelectuais da sociedade. A palavra cultura possui, então, uma ampla utilização, que se restringe a hábitos, desenvolvimento intelectual, forma de vida e conjunto de artes.

A cultura individualiza-se em obras de artes, em discursos, sem a medição do que a história especifica. Assim, as posições populares e elitistas, no que se refere à noção de cultura, encontram-se em um conflito global, deixando de ser uma questão acadêmica do que é cânone e o que não é, alcançando os discursos políticos de “preservação cultural”. Essa perspectiva atribui à cultura uma ausência de “valores culturais” e a considera de forma a inserir valores particulares, individualizando-se em discursos, estabelecendo um eu como verdade à humanidade.

A própria noção de cultura repousa, assim, sobre uma estranhamente moderna alienação do social relativamente ao econômico, isto é, á vida material. Apenas numa sociedade cuja existência quotidiana parecia desprovida de valor poderia a palavra cultura vir a excluir a reprodução material; todavia, esta seria a única forma através da qual o conceito poderia transformar-se em crítica a esse tipo de existência. [...] A noção transforma-se. Assim, num tribunal de recursos humano, cujo âmbito de competência material abrange os processos de julgamento social prático[...] como uma alternativa migrante e unificadora. EAGLETON (2003, p. 47)

Aparentemente, a cultura tornou-se seletiva, dessa forma, crenças e predileções também estão relacionadas à noção de cultura. Então, a palavra cultura é demasiada ampla, de determinações afetando a descrição do seu sentido.

Considerando a palavra cultura na relação com a concepção de movimentos sociais da humanidade e, portanto, como algo passível de mudanças, o sociólogo Ianni (2004, p.169), diz que “as expressões culturais

criam-se e recriam-se no jogo das relações sociais”. Isso proporciona uma transição temporal, espacial, política, econômica, exprimindo uma percepção de que a cultura é determinada por valores, padrões, modos, versões de mundo, eclodindo um apagamento das diversidades sociais das classes.

A perspectiva da revista veja

A mídia brasileira possui um histórico de domínio por grupos familiares. Os principais grupos de comunicação do país, conforme Silva (2016, p. 28) “integram diferentes tipos de mídias no setor de comunicação, como: TV aberta e fechada, rádio, revista, jornais, telefonia, e provedores de internet”. Os três principais grupos familiares brasileiros que dominam as emissoras de rádio e televisão, no cenário nacional, são: família Marinho (Globo); família Saad (Bandeirantes); Família Abravanel (SBT).

As organizações Globo, que controlam diferentes etapas de produção e distribuição midiática, possuem o maior conglomerado neste tipo de propriedade. A Rede Globo surgiu em 1965, como TV aberta e se expandiu às áreas de comunicação, impondo um padrão inovador de recursos de linguagem, fazendo surgir um modo brasileiro de televisão e, além das atuações no país, atualmente a empresa está operando na produção do canal Futura, financiado por empresas privadas e na área de telefonia internacional. Heiz (1986, p. 131 *apud* Silva, 2016 p. 31), afirma que a Rede Globo:

Constituiu-se num instrumento de intervenção ideológica com poderes jamais expressados na história desse país, traficando a ideologia “modernizante-conservadora” do Estado e dos interesses especialmente os comerciais – que tinham liberdade de expressar-se nesse contexto.

Dentro dos quadros regionais, grande parte das redes de comunicação são coordenadas por grupos de familiares ligados à política. Assim, a política detém parte do sistema de comunicação nacional, como: a família Jereissati (TV Verdes Mares); Família Zahran (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul); família Câmara (TV Anhanguera); e outras, a maioria sendo afiliadas à Rede Globo.

As Organizações Globo, detém também o monopólio da Editora Abril, que surgiu em 1966 e, ao longo dos anos, se tornou o Grupo Abril, que possui em seu poder diversos títulos de revistas, e uma de suas maiores tiragens é a revista *Veja*. Conforme Silva (2016, p. 34),

para o lançamento de *Veja*, a Editora Abril juntou, jornalistas veteranos e um grupo de 50 universitários – selecionados a partir de um curso realizado pela empresa – e, assim, formou a maior equipe redacional já reunida por uma revista brasileira.

Em relação à *Veja*, onde o texto que será analisado foi publicado, conforme August (2005), é uma revista bem-conceituada e que apresenta uma grande circulação no Brasil. De acordo com o autor a “*Veja* tem a maior circulação no país, dentre as revistas informativas, com grande inversão e alto poder de repercussão. É ainda a quarta maior revista do mundo”.

A *Veja* começou como uma revista de manchetes e destacou grandes movimentos políticos no país. A mudança de foco ocorreu devido à baixa aceitação do público, o que conseqüentemente, causou um baixo retorno financeiro, tornando inviável sua tiragem. Surgiu então a necessidade de mudar o enfoque da revista.

Em 1995, o chefe da sucursal da revista do Rio de Janeiro, Anselmo Góis, já afirmava que era necessário abrir mão do enfoque político e econômico mais profundo para conservar a tiragem da revista. Era necessário ceder às exigências do mercado para sustentar esse padrão [...] O discurso de autoajuda ao qual *Veja* dá lugar nas reportagens de comportamento, costuma pregar a exigência de uma força ou poder interior, que estimula o indivíduo para o caminho da concretização de seus ideais e, conseqüentemente, da realização pessoal e da felicidade. O indivíduo torna-se, então, responsável por seu sucesso ou derrota, incorporando a este discurso a promessa de impotência (AUGUSTI, 2005).

De acordo com Silva (2016, p. 34) “com mais de 40 anos no mercado, *Veja* vem mantendo-se líder de vendas”. Assim, por ter grande circulação e boa conceituação entre os leitores de revistas, a sucursal consegue chegar aos seus leitores-alvos (classes média e alta), sendo uma importante “veiculadora de opinião” dentro da sociedade brasileira.

A Semântica do Acontecimento e a constituição da cena enunciativa

Para que se possa atingir uma melhor compreensão da análise que seguirá, é necessário entender o conceito de *enunciação* conforme desenvolvido por Guimarães (2002, 2005, e outros). Nessa medida, Guimarães, (2005, p. 11) diz que “a enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, se faz pelo funcionamento da língua”. A enunciação é, então considerada, o acontecimento do funcionamento da língua. Ou seja, a língua em funcionamento constitui uma atividade enunciativa.

É nos enunciados que se constituem os lugares sociais dos locutores, o modo como língua e sujeito se relacionam na significação do texto. Guimarães

(2002) apresenta as categorias de Locutor (com L maiúsculo), que se trata daquele que diz, que enuncia; e de locutor-x, que está relacionado ao lugar social de onde enuncia. A partir da enunciação, que se analisará o que foi dito, quem disse (l-x) e para quem se diz (al-x). Ou seja, se observará, não a pessoa em si, mas a enunciação o lugar social de onde se está enunciando. Se diz, diz porque encontra-se na posição de Locutor e em um espaço social, espaço de enunciação. Considerando o espaço de enunciação conforme configurado por Guimarães (2002), na Semântica do Acontecimento.

O espaço de enunciação é, então, o espaço de funcionamento das línguas, “que se dividem, redividem, se misturam, se desfazem, transformam por uma disputa incessante” (*ibidem*, p. 18). Nessa medida, o texto que será analisado, está escrito em Português, língua oficial do Brasil, ou seja, língua de todos os brasileiros, porém envolve nomes que estabelecidos em outros espaços constituídos por outras línguas³, como *Guinness* – de língua inglesa, *Coliseu* – construção histórica da Itália, *Notre-Dame* – Catedral histórica francesa. No mesmo texto, há referências também a duas personalidades de outros países, sendo *Che Guevara* – personagem histórico nascido na Argentina, mas que se tornou conhecido por seus feitos em Cuba, participando de movimentos políticos em toda a América Latina, e exercendo a medicina; e *Hugo Chávez* – atual presidente da Venezuela. Ambos de países americanos. Nessas relações, está constituído um espaço de enunciação em que falar de “cultura” na língua portuguesa, no Brasil, está determinado por esses outros espaços de funcionamento de línguas e de sujeitos, o espaço europeu e o espaço americano.

Assim, o funcionamento desses nomes de personalidades históricas, tal como os nomes de espaços culturais, possibilitam dizer que o acontecimento da

³ Nomes que estão relacionados a estruturas históricas consideradas enquanto espaços de funcionamento cultural naqueles países.

linguagem está num espaço enunciativo que se dá na enunciação, em Língua Portuguesa, na relação com outras línguas de espaços muito distintos. Há, portanto, uma distribuição dos sentidos de forma desigual, já que as relações estabelecidas se dão de modo a tomar como *memoráveis* (GUIMARÃES, 2002), um espaço de enunciação europeu, a partir de criações consideradas de grande importância no palco de grandes revoluções e avanços sociais, e o espaço de enunciação constituído nas e pelas américas do Sul e Central, estabelecidos, principalmente, na relação estabelecida com figuras históricas desvalorizadas perante a alta sociedade conservadora e os grupos sociais que compõem a direita brasileira.

O fato do Locutor ter se referido a espaços sociais e personalidades de outras línguas, não significa que toda a população brasileira conheça e saiba a que está-se referindo, mas essas relações estão determinando historicamente o sentidos da palavra “cultura” em funcionamento no espaço enunciativo da língua portuguesa no Brasil.

No texto, o Locutor fala na posição de jornalista e se constitui, enunciativamente (enquanto um l-x), locutor-elite conservadora. Observa-se no discurso a oposição ao governo do país que foi eleito, em sua maioria de votos, pela classe assalariada. Essa oposição ao atual governo é observada nos enunciados que seguem: “as figuras que mandam desde 2003 na máquina pública brasileira”, referindo-se ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT), representado a partir de 2013 pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (8 anos) e, na sequência pela presidente Dilma Roussef (6 anos); “Seu grão-vizir no momento é o doutor Juca Ferreira, ministro da cultura”, que ocupou o cargo de Ministro de Estado da Cultura, durante o governo do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva; “governado pelo PT do Fernando Haddad”, prefeito da cidade de São Paulo, por 4 anos, durante o período de

2013 a 2016. Na sequência temos “...É a vitória do Bolsa Cupim...” tem-se um manifesto de oposição aos projetos de assistência social do governo do PT.

Além das questões apresentadas acima, quando o Locutor cita lugares e conhecimentos históricos internacionais, posiciona-se de um lugar do conhecimento, que se trata de uma voz da alta sociedade ou, pelo menos, de alguém que tem um certo conhecimento histórico. Conhecimento esse que poucas pessoas, destituídas de boas condições financeiras, teria. Assim, temos um Locutor que se posiciona do lugar social da “elite conservadora brasileira” (l-x = locutor-elite conservadora brasileira) e diz a um Alocutário que ocupa um lugar social de “elite conservadora brasileira” (al-x =alocutário-elite conservadora brasileira).

Assim, é possível considerar a seguinte cena enunciativa:

L --- l-x = locutor-elite conservadora →
conservadora

Al --- al-x = alocutário-elite

Essas relações podem ser observadas ainda no enunciado “sepultou as arcadas sobre um amontoado de rabiscos e borrões e desenhos deformados”, em que o locutor-elite desqualifica a “arte do grafite”, que é denominada arte de rua, cultura popular. A constituição dessa arte ocorreu a partir da pichação e, por muito tempo, foi uma arte exclusiva das classes sociais menos favorecidas. Em relação à arte que se opõe ao que o Locutor chama de “arte burguesa”, é apresentada a “arte dos desvalidos”, que “trata-se de um conjunto de atividades exercidas por pessoas que não sabem pintar, escrever, compor uma melodia, fazer um filme ou montar uma peça de teatro capazes de

interessar alguém”. Assim, expõe o conflito e a desigualdade entre os elementos que compõem a cultura nacional, marginalizando a cultura popular.

Algumas considerações

O lugar de dizer do locutor-elite conservadora marca um espaço que toma a cultura da elite enquanto única representação da arte por oposição à cultura popular. É possível perceber, a partir do locutor-elite conservadora, a relação de disputa pelo lugar do poder, a negação à cultura popular e a exclusão da produção dos grupos sociais considerados “desvalidos”.

Nessas relações, é exposto o funcionamento da desigualdade ao afirmar o pertencimento de uma “única cultura” a cultura que é “certa” para a sociedade brasileira, excluindo as demais manifestações artísticas e os grupos sociais que não compõem essa elite.

Referências Bibliográficas.

GUIMARÃES, Eduardo. 2002 apud GUIMARÃES, Eduardo. *Civilização na linguística brasileira no século XX* - artigo. Unicamp.

PEREIRA; SANTOS. Agnaldo; Valdineia Ferreira dos. Agnaldo Pereira; Valdinéia Ferreira dos Santos. 2013. *As relações de sentido da palavra estrangeirismo em quatro séculos* - Artigo. UFG.

GUZZO, José Roberto. Supremo Tribunal da Cultura - *Revista veja*. Ed. Abril. Edição 2414 – ano 48 – nº 8. 25 de fevereiro de 2015, p. 98.

BOSI, Alfredo. *A origem da palavra cultura*. Disponível em: pandugihawordpress.com/2008/11/24alfredo-bosi-a-origem-da-palavra-cultura/. Acesso em 30/05/2015.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira; [adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahil. Revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREITAS, Eduardo de. *Cultura na Europa*. Graduando de Geografia. Disponível em: <https://m.brasilecola.uol.com.br/geografia/europa-cultural.htm>. Acesso em 14/11/2017.

AUGUSTI, Alexandre Rossetto. 2005. *Jornalismo e Comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja* - artigo. UFRGS.

OLIVEIRA, Rosimar Regina Rodrigues de. 2013. *A Marcha Para o “Oeste” no Brasil: Entre a civilização e o sertão* – Tese. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

IANNI, Octavio. *Pensamento Social no Brasil*. Bauru-SP. Edusc, 2004.

ORLANDI e MASSMANN. Cultura e diversidade. Eni P. Orlandi e Débora Massmann (orgs). *Trilogia travessia e Diversidade*. Vol. 1/ Campinas-SP. Ed. Pontes, 2016.

EAGLETON, Terry, 2000 – *A ideia de cultura*/ Terry Eagleton; tradução, Sofia Rodrigues; revisão técnica, Levi Condinho – Temas e Debates Editoriais, Ltd. Lisboa. 1º edição. 2003. ISBN: 9272-759-511-1.

SILVA, Luciana Gomes. *O Discurso da Cobertura da Eleição Presidencial de 2014: uma análise das posições ideológicas de Veja e Carta Capital*. Dissertação. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS, 2016.